

Cuidado, ofensiva de mercado e conservação ambiental: mulheres na agroecologia fazem frente à política de Jair Bolsonaro

Roberta Cardoso, graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Viçosa (UFV) e Técnica de Extensão Rural, participante do Programa de Mulheres do Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata (CTA/ZM) ; **Isabelle Hillenkamp**, sócio-economista, pesquisadora do Centre d'Études en Sciences Sociales sur les Mondes Africains, Américains et Asiatiques, Paris (IRD-CESSMA), e coordenadora do projeto GENgiBRe ; **Natália Lobo**, agroecologista, mestranda do Programa de Ciências Sociais sobre Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (CPDA/UFRRJ), membro da equipe técnica da ONG Sempre Viva Organização Feminista (SOF) ; **Miriam Nobre**, engenheira agrônoma da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiróz (ESALQ-USP), mestre pelo Programa de Estudos da Integração Latinoamericana (PROLAM-USP), e trabalha na ONG SOF ; **Héloïse Prévost**, socióloga, pós-doutoranda no Centre d'Études en Sciences Sociales sur les Mondes Africains, Américains et Asiatiques (IRD-CESSMA) no âmbito do projeto GENgiBRe, e associada ao laboratório LISST da Universidade Jean Jaurès ; **Sheyla Saori Iyusuka** agrônoma, mestre em agroecologia e desenvolvimento rural, e técnica da ONG SOF ; **Lilium Telles** engenheira florestal e mestre em Extensão Rural pela Universidade Federal de Viçosa (UFV).

Resumo: Desde a década de 2000, uma aliança entre líderes de organizações de mulheres rurais e ativistas feministas em ONGs e universidades ampliou sua escala no Brasil em torno da defesa da agroecologia, com o lema “Sem feminismo, não há agroecologia”, reivindicando o valor do trabalho agrícola feminino orientado para o cuidado e a caracterização da terra, da água e da biodiversidade como bens comuns. Ela se posicionou em conflito com a exploração de recursos naturais e os interesses patriarcais dentro das estruturas camponesas, das ONGs e do Estado. O conflito se estendeu ao setor de conservação, voltado para uma visão da natureza selvagem que não reconhece o papel do uso e manejo realizado pelas comunidades locais. Nos últimos anos, este setor tem desenvolvido alianças com os interesses do mercado, reforçadas pelas negociações climáticas internacionais que monetizam o uso das florestas para a captura de carbono. Nossa comunicação analisará as modalidades da política sobre os recursos naturais do governo Bolsonaro em duas regiões de mata atlântica onde redes de agroecologia estão implantadas, o Vale do Ribeira (SP) e a Zona da Mata (MG), e o lugar das mulheres nas resistências a esta política. Nossa proposta é parte do projeto ANR GENgiBRe "Relationship to nature and gender equality. A contribution to critical theory from feminist practice and mobilization in agroecology in Brazil". Analisaremos a aplicação da lógica de mercado sobre a natureza sob o governo Bolsonaro e a manifestação destas contradições na agricultura de tipo agroecológico a partir de uma perspectiva de gênero.

Care, offensive marchande et conservation environnementale : les femmes dans l'agroécologie face à la politique de Jair Bolsonaro

Roberta Cardoso, diplômée en sciences sociales de l'Université fédérale de Viçosa (UFV) et technicienne en vulgarisation rurale, participante au programme pour les femmes du Centre de technologies alternatives de la Zona da Mata (CTA/ZM) ; **Isabelle Hillenkamp**, socio-économiste, chercheuse au Centre d'études en sciences sociales sur les mondes africain, américain et asiatique (IRD-CESSMA) et coordinatrice du projet GENgiBRe ; **Natália Lobo**, agroécologue, étudiante en master au programme de sciences sociales sur le développement, l'agriculture et la société à l'Université rurale fédérale de Rio de Janeiro (CPDA/UFRRJ), membre de l'équipe technique de l'ONG Sempre Viva Organização Feminista (SOF) ; **Miriam Nobre**, agronome de l'École supérieure d'agriculture Luiz de Queiróz (ESALQ-USP), titulaire d'une maîtrise du Programme d'études sur l'intégration latino-américaine (PROLAM-USP), et travaillant pour l'ONG SOF ; **Héloïse Prévost**, sociologue, chercheuse post-doctorale au Centre d'études en sciences sociales sur les mondes africains, américains et asiatiques (IRD-CESSMA) dans le cadre du projet GENgiBRe, et associée au laboratoire LISST de l'Université Jean Jaurès ; **Sheyla Saori Iyusuka**, agronome, maître en agroécologie et développement rural, et technicienne de l'ONG SOF ; **Lilium Telles**, ingénieure forestière et maître en vulgarisation rurale de l'Université fédérale de Viçosa (UFV).

Résumé : Depuis les années 2000, une alliance entre les leaders des organisations de femmes rurales et les activistes féministes des ONG et des universités, a pris de l'ampleur au Brésil autour de la défense de l'agroécologie, avec le slogan “Sans féminisme, il n'y a pas d'agroécologie”, revendiquant la valeur du travail agricole des femmes orienté vers les soins et la caractérisation de la terre, de l'eau et de la biodiversité comme biens communs. Elle s'est positionnée en conflit avec l'exploitation des ressources naturelles et les intérêts patriarcaux au sein des structures paysannes, des ONG et de l'État. Le conflit s'est étendu au secteur de la conservation, orienté vers une vision de la nature sauvage qui ne reconnaît pas le rôle des communautés locales dans l'usage et la gestion des ressources. Ces dernières années, ce secteur a développé des alliances avec les intérêts du marché, renforcées par les négociations internationales sur le climat qui monétisent l'utilisation des forêts pour le stockage du carbone. Notre communication analysera les modalités de la politique environnementale du gouvernement Bolsonaro dans deux régions de la forêt atlantique où sont établis des réseaux d'agroécologie, Vale do Ribeira (SP) et Zona da Mata (MG), et la place des femmes dans les résistances à cette politique. Notre proposition s'inscrit dans le cadre du projet ANR GENgiBRe “Relation à la nature et égalité des sexes. Une contribution à la théorie critique à partir de la pratique et de la mobilisation féministes en agroécologie au Brésil”. Nous analyserons l'application de la logique du marché sur la nature, au cours du gouvernement Bolsonaro, et la manifestation de ces contradictions dans l'agriculture de type agroécologique dans une perspective de genre.